

Delfim aos credores: queremos ser tratados como a Argentina.

Durante sua visita a Londres, o ministro do Planejamento, Delfim Neto, deixou claro que o Brasil pretende obter condições pelo menos iguais às que sejam concedidas à Argentina nas negociações para o reescalonamento de sua dívida.

— Os bancos sabem que quem faz os melhores progressos deve receber tratamento ao menos em plano de igualdade com aqueles cujos resultados não são tão bons — afirmou.

Sem especificar suas reivindicações, Delfim deu a entender ao Financial Times que deseja um reescalonamento com base na redução das taxas de juros e prazos maiores para os empréstimos:

— Pedimos aos bancos que observem o que estamos realizando e compreendam nossa necessidade de maior cooperação e melhores condições para solucionar o problema de nossa dívida — disse o ministro numa entrevista, destacando a grande melhora do balanço de pagamentos brasileiro, cujo déficit de US\$ 15 bilhões em 1982 deverá baixar para menos de US\$ 6 bilhões este ano, segundo afirmou.

O ministro do Planejamento chamou a atenção para o fato de a economia já ter começado a crescer novamente pela primeira vez em dois anos e meio, com base num boom de exportações, e prognosticou para 1984 um crescimento positivo, depois da queda de 3,4% no Produto Nacional Bruto em 1983.

Delfim apresentou um panorama alen-



tador da economia brasileira, prevendo que a inflação começará logo a reduzir sob os efeitos das restrições à expansão dos meios de pagamento e da compressão dos gastos públicos. Sem esconder que a elevação das taxas de juros internacionais deixa o País numa situação incômoda o ministro lembrou que o Brasil dispõe de reservas cambiais líquidas em torno de US\$ 1,6 bilhão, estando apto a cobrir os custos adicionais no serviço da dívida, estimado por ele em aproximadamente US\$ 600 milhões.

Ressaltou, ainda, que os novos dados da economia inspiram ao Brasil um senso de autoconfiança nas negociações com os bancos internacionais, mas negou que o País tentará "chantageá-los". Negou também que a participação brasileira no pacote financeiro que recentemente beneficiou a Argentina tenha sido motivada pela intenção de compartilhar também das concessões obtidas por aquele país, embora o Brasil reafirme seu desejo de ser tratado em igualdade de condições com os bancos comerciais em suas conversações.

— A Argentina e o Brasil são grandes parceiros comerciais e naturalmente continuarão assim no futuro — justificou.

As conversações sobre a dívida entre o Brasil e os bancos internacionais deverão prosseguir no próximo semestre, envolvendo um novo pedido de empréstimo, num montante substancialmente inferior ao deste ano, de US\$ 6,5 bilhões, finalizou Delfim.